

HUMOR EM ANÁLISE: SUAS CONFIGURAÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE

Bruna Goede Krieck¹

Marcelo de Oliveira²

RESUMO

Compreende-se que os mecanismos que levam ao riso no humor comportam processos psíquicos sofisticados, cumprindo papel decisivo na relação do ego com a realidade e na produção de formas criativas de afirmação desse ego, em relação ao superego. Diante disso, por meio de uma pesquisa de caráter exploratório e descritivo, o presente artigo abordou estudos realizados acerca do mecanismo nomeado como chiste, do humor e de sua maior representação na contemporaneidade, os chamados memes. Ao demonstrar a relevância à psicanálise contemporânea, para que a sua origem e sua capacidade de ser atribuída a novos tempos mantenha-se presente, foi estabelecido discussões a respeito da posição da área, bem como suas teorias e seus conceitos na atualidade. Utilizando como fundamento principal o estudo desenvolvido por Sigmund Freud, de 1905, acerca dos chistes e a sua relação com o inconsciente, além de outros autores que tenham apresentado suas reflexões sobre o conteúdo. O artigo expõe o humor, a experiência do chiste e os memes, apresentando-se de maneira divertida, mas, todavia, propôs abordar esses fenômenos por uma conduta séria. O trabalho explora mecanismos como o deslocamento e a condensação, investiga aspectos humorísticos através da cultura digital, e por fim estabelece relação com a saúde psíquica dos sujeitos à visão de conceitos psicanalíticos.

Palavras-chave: humor; chiste; memes; psicanálise; saúde psíquica.

ABSTRACT

Humor in analysis: its settings in contemporary times

It is understood that the mechanisms that lead to laughter in humor involve sophisticated psychic processes, playing a decisive role in the ego's relationship with reality and in the production of creative forms of affirmation of this ego in relation to the superego. Therefore, by means of an exploratory and descriptive research, the

1 Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Campo Real (bruna.goede@hotmail.com)

2 Professor Orientador. Mestre em filosofia. Docente no Centro Universitário Campo Real. (prof_marcelooliveira@camporeal.edu.br).

present article approached studies about the mechanism named as joke, humor, and its major representation in contemporaneity, the so-called memes. By demonstrating the relevance to contemporary psychoanalysis, so that its origin and its ability to be attributed to new times remain present, discussions were established regarding the position of the area, as well as its theories and concepts today. Using as its main foundation the study developed by Sigmund Freud, in 1905, about jokes and their relation with the unconscious, as well as other authors who have presented their reflections on the content, the article exposes the humor, the experience of the joke and the memes, presented in an amusing way, but, nevertheless, proposed to approach these phenomena by a serious conduct. The work explores mechanisms such as displacement and condensation, investigates humorous aspects through digital culture, and finally establishes a relationship with the psychic health of the subjects from the point of view of psychoanalytic concepts.

Keywords: humor; jokes; memes; psychoanalysis; psychological health.

1 INTRODUÇÃO

O humor tem o poder de tornar qualquer comentário mais leve. O ato de rir de algo, alguém ou de si mesmo é uma função fundamental que torna a vida mais passível de ser vivida, mesmo diante das adversidades e do real que se assola. Como palavra, ele é empregado em vários sentidos, tendo sua origem etimológica na medicina humoral dos antigos gregos, representando qualquer um dos quatro fluidos corporais (ou humores), os quais se consideram responsáveis por regular a saúde física e emocional humana.

Atribuindo a estados de espírito, as pessoas podem ser apontadas bem ou mal-humoradas, referindo a um modo de ser diante da vida. Se tomada como um substantivo adjetivado, a expressão adquire outro emprego: estar de bom humor ou de mau humor, significando momentos pontuais, quando algo está influenciando as relações interpessoais da pessoa em questão. Para além das relações no meio social, apresenta-se, ainda, o humor na mídia virtual, como forma de provocar o riso e a graça voluntariamente ao abordar, com acentuado exagero e às vezes de maneira crítica, temas do cotidiano, evidenciando as contradições do humano.

Na psicanálise, o sentido atribuído ao humor trata de outra ordem. Apareceu pela primeira vez em 1905, no livro *Os chistes e sua relação com o inconsciente*

escrito por Freud, sendo retomado vinte e dois anos depois no texto *O humor*, de 1927, pelo mesmo autor. Humor foi então definido por Freud como a manifestação mais sofisticada do espírito humano, sendo utilizado em sua maioria a favor das relações, tratando-se de algo criativo e transgressor.

Para Alberto Goldin (1984), o humor “denuncia os disfarces com os quais a civilização oculta a precária realidade humana”. Para Henri Bergson (1989), ele nos poupa da fadiga de viver, se apresentando como sublime e enobecedor. Se dá como uma experiência característica da humanidade que, segundo pesquisadores, compõem o cotidiano das mais diversas culturas e grupos sociais, emergindo em diferentes circunstâncias e assumindo diferentes formas, sentidos e funções a depender do contexto de sua emergência (ATTARDO, 2008; ORING, 2008).

A relação entre riso, catexia e prazer, embora explorada por Freud no início do século 20, precede esse autor e tem reconfigurado-se ao longo do processo social histórico. Assim, além de um estudo sobre as facetas do humor desenvolvidas em uma época passada, buscando uma compreensão de seu aspecto histórico, também a fim de trazer o tema ao contexto presente, o artigo propõe uma investigação daquilo que caracteriza crescente popularização dentro das redes virtuais, visto que possuem enorme destaque e influência em nossas relações.

Essas redes, a internet que conhecemos atualmente, tornou-se um veículo de livre expressão, apresentando novas formas para a mesma, sendo que uma forma de comunicação que podemos encontrar, é por meio de compartilhamentos de materiais digitais, como os memes. Assim, sua utilização integra-se como um vetor de expressão linguística, atual ao mundo moderno, fato que será utilizado para que haja uma exploração, dentro desses materiais, de aspectos associados com o humor.

Assim colocado, a partir daqui, ao longo deste artigo, será explorado teorias e estudos sobre aspectos relacionados ao tema, sendo divididos em subtítulos, na busca por uma melhor compreensão para, enfim, fomentar elementos relacionáveis existentes nesses conceitos, considerando-os como complemento para uma psicanálise contemporânea.

2 O HUMOR PARA GRANDES NOMES DA HISTÓRIA

A capacidade de tirar a realidade do plano do concreto e tratá-la em suas múltiplas leituras, ambiguidades e inesperadas diferenças é que constroem o universo do humor e, em última instância, denotam a inteligência e a capacidade crítica do ser humano. Em algumas sociedades primitivas, o humor ocupava um lugar central nos relacionamentos de cura (KOLLER & GRISKY, 2011; BLERKON, 1995), fosse nos grandes rituais ou em encontros particulares com o curandeiro da comunidade. Estudos registram que a figura que hoje conhecemos como “palhaço” se assemelha muito às figuras associadas à cura e à prosperidade nessas sociedades antigas (LANGER, 1953; BLERKOM, 1995).

O humor já foi objeto de estudo da filosofia, da religião, da psicologia, da arte e, com o passar do tempo, muitos autores propuseram variadas teorias, com propostas diversas de explicação sobre o seu funcionamento. Como mencionado anteriormente, a palavra “humor” e o emprego da mesma tem seu início na medicina. Hipócrates (séc. IV-V, A.C.), considerado pai da medicina, fundamentou sua prática clínica nos quatro humores, que se dariam por: o sangue, a fleuma, a bile amarela e a bile negra.

O conceito de humor (*khymós*, em grego), na escola hipocrática, era de uma substância existente no organismo, necessária à manutenção da vida e da saúde, segundo ele, os desequilíbrios desses humores seriam os causadores das doenças. Essa teoria conduziu a elaboração de outras, como a concepção filosófica da estrutura do universo. Estabeleceu-se uma correspondência entre os quatro humores com os quatro elementos (terra, ar, fogo e água), com as quatro qualidades (frio, quente, seco e úmido) e com as quatro estações do ano (inverno, primavera, verão e outono) (REZENDE, 2009).

O aspecto transgressor apresentado no humor corresponde à característica cultural, o que causa o riso, associando-o à comédia e como ele se estabelece. Em sua origem, na Grécia antiga, quando a comédia se tornou um gênero artístico, sua principal característica associava-se a não prender-se às histórias mitológicas dos deuses. Abordaria então questões humanas, daquilo que é comum. O que fez com

que autores como Aristóteles, por exemplo, a colocassem em posição de inferioridade.

Outro aspecto manifestado pela comédia dentro do humor corresponde a um sentido iconoclástico, que resultaria na quebra de ícones e figuras de autoridade, o que retorna ao termo transgressor, bem como “violador” em seu sinônimo, já apontado. Ao utilizar-se disso, o humor tem a capacidade de revelar a falta de sentido da vida, sendo que ao mesmo tempo tem o poder de facilitar o manejo com essa condição imposta. Permite que se gracie ao e para encarar diferentes situações, colocando-se num estado de suspensão.

Ainda no âmbito filosófico, cabe referenciar Friedrich Nietzsche (1844 - 1900), o qual apontou seus estudos sobre o humor junto ao trágico, sua característica marcada. Segundo ele, a relevância do riso está em propiciar a reconciliação do homem consigo mesmo, sendo que a risada se daria por um desprezo da seriedade que a razão ocidental estabeleceu em nossa cultura e na forma que se interpreta racionalmente a realidade.

Assim, o humor denota uma inteligência e capacidade crítica do ser humano. Essa linha de pensamento é assentada por Henry Bergson, em seu livro *O Riso* (1899). Nele, o autor faz uma aproximação filosófica do tema buscando uma explicação, pelas ferramentas da lógica, dos porquês do riso. Compreendeu-se no riso algo como um despertar de uma consciência, que ri do automatismo que a constrange e a limita a uma forma, propondo a compreensão do fenômeno como significação social (BERGSON, 2005).

A ambivalência do humor mostra-se presente em diferentes interpretações. Sendo que, em sua maioria, relaciona a manifestação do riso ligada ao ridículo, relacionando-se àquilo que, em certos aspectos, se evita demonstrar. Assim, a risada que surge do humor, toma posição de revelar algo que possa estar oculto. Neste aspecto, quando se fala sobre algo oculto, toma-se como referência as concepções estabelecidas por Freud (1905) sobre o inconsciente.

No intuito de sustentar a universalidade e onipresença do inconsciente e da psicanálise na vida dos sujeitos, durante os primeiros anos do século XX, Freud dedicou-se a investigar a lógica desse lugar psíquico, numa busca para evidenciar que o inconsciente não está presente apenas nos sintomas e nos sonhos, mas sim,

que essas manifestações também poderiam acontecer na vida cotidiana, nos atos falhos, nas piadas, produções artísticas, entre outros. Assim, em 1905, publicou o livro *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, no qual buscou desvendar o que tornaria uma piada risível e o que é o riso para a economia psíquica.

A partir de uma exploração dos recursos humorísticos, Freud então estabeleceu ligações entre o mecanismo do sonhar com relação às piadas, esses que se apresentavam com um significado além daquele que aparecia no texto, de imediato. Apresentou a origem do humor no pré-consciente, por atuação do superego, na evitação de um sentimento doloroso iminente.

Para o autor, a capacidade de rir de si mesmo, que define o humor, é índice não apenas do descentramento em relação ao próprio eu, mas também em relação aos ideais reguladores da vida social. Ao estabelecer sua origem no psiquismo, propôs que o humor: “não é resignado, mas rebelde”, chamando a atenção para a determinação da mente em rejeitar as reivindicações da realidade e sustentar o princípio do prazer. O humor atua como índice de alguma verdade do sujeito que, até então, não fora capaz de ser dita. “Numa brincadeira pode-se até dizer a verdade”, enuncia Freud no seu livro sobre o chiste (1905).

Em um artigo sobre o assunto (2008), a autora aponta que:

O humor é rebelde ao se contrapor a uma realidade deserotizada, à resignação de uma inércia psíquica, à cisão entre os princípios de prazer e de realidade, à melancolia do desinvestimento libidinal, à resignação masoquista, ao real implacável. Consegue-se esta proeza quando a carga libidinal do eu afligido é transferida para o superego, inflando-o, de modo que este último, assim fortalecido, se torna afável e complacente, como teriam sido os pais da infância ante a criança desamparada. (RIBEIRO, 2008. p.108).

Mas afinal, o que Freud queria dizer quando nos apresentou o termo chiste em seu livro? Dada sua relevância ao tema do presente artigo, faz-se oportuno a separação de um subtítulo para o desenvolvimento de seu conceito e configurações.

3 CONCEITUANDO O CHISTE ATRAVÉS DA PSICANÁLISE

A palavra chiste foi utilizada para traduzir *Witz*, do original em alemão. Pode ser entendido como piadas e comentários sobre os quais “o sentimento do cômico

repousa” (FREUD, 1905, p. 20). A comicidade estaria para o aspecto que atribui certa leveza aos mais penosos conteúdos expressos, uma vez que mascara para o outro tanto o conteúdo inconscientemente revelado pelo seu porta-voz, quanto pelo sujeito a que o chiste se destina. Nele, pode-se perceber uma concordância de ideias sendo expressa inconscientemente, pelo riso. Portanto, os chistes seriam “excelentes métodos de derivar prazer de processos psíquicos” (ibid., p. 135).

Segundo Freud, o chiste é construído por uma ideia recalcada no inconsciente que, sob certa pressão, força passagem, surgindo pronto na consciência. Foi apontado pelo autor como uma reação, sendo que seu caráter não reside apenas no pensamento, ele é encontrado na forma, na verbalização que o exprime, colocando-se sobretudo em relação às palavras, trabalhando com a linguagem. Diferente do sintoma do ato falho, envolvem-se com o inconsciente de uma maneira específica, considerado por Freud um processo social, estando meta psicologicamente ligado à estrutura da piada, a qual estaria para uma suspensão temporária do recalque, sendo através dela que aconteceria uma transgressão, deixando aparecer uma verdade que estaria reprimida.

Segundo ele, para que o fenômeno seja produzido, é preciso que haja a formação de um laço social com o Outro, sendo que o próprio mecanismo do chiste torna-se indutor deste laço de afinidade com o Outro. A referência de Freud à terceira pessoa coloca em cena esse Outro como o lugar do simbólico, do código da linguagem, com toda sua ambiguidade, polissemia e jogos de palavras, além do sujeito que fisicamente o desempenha.

No que diz respeito a funcionalidade do chiste, sua performance é bem sucedida naquilo que Freud nomeou como Paróquias: grupos de sujeitos que estariam, de certa forma, sob uma mesma categoria. Segundo ele, “para entender uma piada, é preciso ser da paróquia” (FREUD, 1905, p.13). Isto é, não executa seu efeito em todos os lugares ou momentos, nem para todas as pessoas, sendo necessários determinados referentes, quase como um código comum situado no simbólico, na cultura, para captar o sentido.

Investigando sobre a organização dos sonhos comparada ao chiste, Freud (1905) passou a perceber que alguns chistes operam a partir de uma intenção, batizados por ele como “tendenciosos”. E outros que ofereciam prazer apenas pela

sua forma, chamados "inocentes". Nos tendenciosos se encontram pensamentos morais e obscenos, que derivam fundamentalmente das esferas sexuais e agressivas, enfatizando que os componentes singulares da constituição sexual dos indivíduos podem ser decisivos na construção dos chistes.

Nas palavras do psicanalista brasileiro Renato Mezan (2002): "chistes tendenciosos gratificam intenções proibidas: a vestimenta inocente ou engenhosa, engana a censura e, quando a piada é entendida, a inibição que pesava sobre tais idéias passa a ser supérflua." (p. 148). Ou seja, a forma com que essa categoria se manifesta, possibilita que pensamentos sejam referidos como um "drible" à repressão. Obtendo o prazer como resultado da expressão de uma motivação que, de outra forma, seriam censuradas. Assim, na ordem tendenciosa, utiliza-se o chiste como um auxílio de "cancelamento" da inibição.

Já os inocentes, apresentam-se em sua forma mais pura, como dito por Freud, não apresentando objetivo fora de si mesmos. Estes, visam ao prazer inócuo mediante ao jogo de palavras, sem a necessidade do jogo de pensamento. A graça encontrará maior alcance quanto mais distante estiver do círculo de representação de seu contexto habitual. Sua fruição estética se dá na contemplação da própria formação do chiste. Podendo ser classificada por um *nonsense* (desprovido de coerência), onde sua liberação se daria justamente nessas brincadeiras com a linguagem, na repetição de um determinado fonema, por exemplo, ou pela similaridade do som das palavras.

Estas manifestações são muito bem observadas por Freud nas crianças, as quais acomodam sua postura psíquica na sonoridade acústica da palavra, sem se ater ao seu sentido ou ao seu significado. Sendo esses que levam os adultos a rir. Nesta perspectiva, a formulação de chistes inocentes vem a ser uma retomada nostálgica deste período do desenvolvimento da linguagem infantil. Essa que, com o crescimento do sujeito, acaba se perdendo.

Desse modo, essa categoria traz a recordação da época em que ainda não havia a apreensão da linguagem. Identifica então que, caso tenha-se um conteúdo latente insignificante, porém com refinado uso dos recursos técnicos, temos um chiste inocente; se ele traz conteúdos proibidos e secretos, será tendencioso. Freud ainda divide os chistes em grupos relacionando-os à sua técnica, como as que

procedem por condensação; deslocamento; as que fazem múltiplos usos do mesmo material ou as que procedem por duplo sentido, em que se insere a ironia, por exemplo.

Tais categorias se diferem no que diz respeito à sua forma de elaboração, contudo atendem a mesma resolução da economia psíquica. Essa que se apresenta essencialmente como mecanismo de defesa. Em síntese, o chiste coloca-se, sobretudo, à inibição de representações ameaçadoras ao ego. Portanto, sua produção substitui defesas, de modo a poupar o aparelho psíquico de gastos libidinais com o recalque e outras defesas.

Algumas décadas depois de sua obra sobre os chistes, Freud escreveu seu livro *O Humor* (1927). Nele, o que em 1905 era teorizado como um relaxamento parcial do recalque, como uma brecha na vigilância e na coerção por parte da censura psíquica, passa a ser formulado, em 1927, colocando o superego em uma posição menos punitiva e mais tolerante.

Sabe-se que dentro da organização psíquica dos sujeitos, encontra-se, inserido no núcleo do ego, uma instância parental, de interdição, lei e função paterna: o superego. Este que se apresentava até então como inibidor e repressor, agora, na organização humorística, dispõe também um caráter moderador que tolera a obtenção de prazer de seu sujeito, poupando-lhe por alguns instantes das angústias presentes em vida.

Este superego, de certa forma demonstra que também pode se valer do gozo, propondo um distanciamento da realidade penosa e introduzindo a possibilidade de tirar proveito dos afetos angustiantes implicados na ocasião, o que é, em si, a economia na despesa psíquica. Essa questão econômica foi enfatizada por Freud, posto que a carga energética, investida no processo de afastamento de uma representação, se estabelece para evitar o desprazer, bem como sua liberação pode ser seguida pelo riso.

Podemos lembrar aqui a concepção de que, na psicanálise, a referência ao gozo, neste caso, se estabelece a partir do Outro, o que retoma a ideia do chiste inserir-se socialmente. Sendo que o impulso de passá-lo adiante, de comunicá-lo, faz com que a satisfação obtida ao contar uma piada, nunca seja solitária. Portanto, Freud introduz as piadas no humor como uma possibilidade de satisfação de

pulsões e contorno de obstáculos e restrições culturais, acrescentando ainda o prazer. Com isso, o autor encontrou, no jogo de palavras das piadas, um importante peso da linguagem na manifestação de elementos do inconsciente.

Deste modo, sendo entendido como uma formação do inconsciente, comparando-o a outras produções cômicas, o chiste se destaca por ser aquele que mais insere-se socialmente. Como dito anteriormente, o prazer adquirido ao contar uma piada não se configura solitária, uma vez que Freud reflete sobre o impulso que se tem em contar uma piada que acabamos de ouvir ou de criar: "ninguém se contenta em fazer um chiste apenas para si" (FREUD, 1905, p. 166), ele afirma. Deste modo, o circuito cômico só se completa quando ele é compartilhado com outro.

Para estabelecer as configurações do chiste e do cômico, Freud aponta: "Os chistes e o cômico distinguem-se principalmente em sua localização psíquica; pode-se dizer que o chiste é a contribuição feita ao cômico pelo domínio do inconsciente" (Ibid, p.194). Com isso, entende-se que uma piada "é feita", enquanto que o cômico "é constatado". Em suma, para elucidar, temos que o chiste está para a ordem do simbólico, o cômico, da ordem do imaginário e o humor em si, para a ordem do real.

Assim, a graça que o chiste apresenta se dá por traço que confere certa leveza ao mais denso dos conteúdos expressos, uma vez que mascara tanto o material inconscientemente revelado pelo seu criador, quanto pelo sujeito a que o chiste se destina, o qual encontra nele uma possível congruência de idéias, sendo esta demonstrada inconscientemente pelo riso. Os chistes são, portanto, "excelentes métodos de derivar prazer de processos psíquicos" (Ibid, p. 135). Sendo que a facilidade de entendimento, a brevidade e a surpresa causada são suas características fundamentais, segundo o autor.

4 MEMES E A CULTURA DIGITAL EM ANÁLISE

Notamos então que o humor, assim como os chistes, são fenômenos primários da vida humana. Como tal, tem se mostrado presente nos mais diversos grupos sociais. O que não seria diferente na atual época digital que vivemos. Essa

que apresentou tais fenômenos em novas formas de expressão, em destaque, os memes. Estes podendo ser representados através de imagens, vídeos e outras formas de hipertexto, sendo utilizados como uma forma de comunicação própria da *internet*, mesmo que por muitas vezes entendidas fora dela também (CASTAÑO, 2013).

O termo meme foi cunhado em 1976 por Richard Dawkins, o etólogo definiu que, “assim como os genes eram os principais responsáveis por replicar o conteúdo geracional na evolução biológica dos organismos vivos, talvez, houvesse uma outra unidade de replicação, diferente dos genes, responsável pela seleção e transmissão de conteúdos inscritos em nossa cultura”. Assim, estabeleceu o sentido do “meme” como uma ideia, conceito ou comportamento que se espalha de pessoa a pessoa no contexto de uma cultura. De fato, Dawkins não se equivocou em sua conceituação. Sendo esse um dos pontos que o aproximam dos chistes: a habilidade de espalharem-se.

Um artigo, onde aborda sobre essa linguagem da *internet*, apresenta que o meme apresenta a intenção de levar ao riso, através da presença do cômico e do humor. Aponta que o mesmo seria uma nova forma de compreender a realidade, demonstrando um olhar à essa realidade de maneira divertida, com a liberdade de criação e associações, sem padrões rígidos (HORTA, 2015).

O humor presente no meme propõe brincar com as experiências e significados culturais compartilhados, sendo que seus usuários são apresentados à possibilidade de sentir-se representados de alguma forma, bem como inserir-se nesse meio e compartilhar suas experiências. Para a autora do artigo: “os memes acabaram se tornando a válvula de escape moderna para expressar a perplexidade em relação aos fatos do mundo, operando também como uma maneira de compreender esses fatos” (HORTA, 2015, p.159-60).

A partir disso, podemos refletir sobre o potencial que o meme manifesta nas vontades dos sujeitos de se expressar, de entender sua realidade e de pertencer a uma comunidade. Sustentando essa idéia, uma pesquisa, em 2019, desenvolveu uma entrevista com mil pessoas e revelou que 46% dos usuários de redes digitais compartilham memes que traduzem seus problemas pessoais; 75% atribuem ao

meme como uma forma de aliviar o estresse do dia a dia; e 64% se sentem incluídos no grupo quando entendem um meme (CONSUMOTECA, 2019).

Com isso, compreende-se também que, o que traz o conceito efetivo do meme na cultura digital, é especialmente sua capacidade de construção associado a diferentes sentidos e significados, que abre possibilidades para a consolidação de novas experiências de memória coletiva dos sujeitos por meio da replicação e difusão de informação e conteúdo, à outros sujeitos em conexão. Considerando, desta forma, que estes conteúdos constituem elementos que carregam uma potência subjetiva, uma vez que são compreendidos mediante à interpretação e “tradução” de cada sujeito. Logo, seu significado se dá através da aproximação e associação a outros contextos, Sendo que por consequência, sua articulação ocorre coletivamente, articulando-se a outros âmbitos sociais e culturais.

5 OS CHISTES NA ÉPOCA DIGITAL - COMO SE MOSTRA

Retomando as considerações de Freud, relembramos que “o caráter do chiste não reside no pensamento [...], devemos procurá-lo na forma, na verbalização que o exprime. Temos que estudar a peculiaridade de sua forma de expressão para captar o que se pode denominar técnica verbal ou expressiva desse chiste, algo que deve estabelecer íntima relação com a essência do chiste, já que, substituída por qualquer outra coisa, o caráter e o efeito do chiste desapareceria” (FREUD, 1996, p. 26). Essa “relação com a essência do chiste”, nos sugere algo relacionável aos memes, conforme os modos de consumo.

Shifman (2007) reforça que atualmente a *internet*, as redes digitais, se mostram como porta vozes do humor. Pontuando que através das ferramentas de produção e a facilidade de distribuição, tornaram-se uma fonte de expressão humorística. Pensamos, então, sobre a essência do chiste ser expressa em dois traços atrelados: estando preso à forma de se expressar, e à finalidade de despertar prazer no ouvinte.

Dito isso, podemos retomar aqui o que Freud apontou em seu livro, no qual “um novo chiste age quase como um acontecimento de interesse universal: passa de uma a outra pessoa como se fora a notícia da vitória mais recente” (FREUD,

1905, p. 23). Logo, nota-se a ideia de recontar um chiste, tornando-se semelhante a compartilhar um meme, trazendo ainda uma grande vantagem, ao qual não se exige eloquência ou um *timing* do locutor, apenas do seu acesso, transmitindo a imagem (vídeo, etc.), que carrega consigo todo o contexto mínimo para que o receptor o compreenda e ainda vivencie o prazer e satisfação.

Como estamos nos referindo ao mundo digital, podemos ainda observar que as “curtidas” e compartilhamentos dos memes nos parecem ser análogas ao riso no chiste. A relação também pode ser percebida ao ponto em que, primeiramente, há uma identificação do sujeito ao meme encontrado e, em seguida, o mesmo é compartilhado com outras audiências, e assim sucessivamente, sendo a gênese do consumo memético.

Além de semelhanças quanto a propagabilidade, também é possível notar os mecanismos de deslocamento e condensação na criação dos memes, bem como os chistes tendenciosos e os inocentes, também classificados como *nonsense*, já abordados anteriormente. Estas estruturas que, segundo Freud (1905), permitem que um conteúdo supere a repressão e venha à tona de maneira socialmente aceita.

Brevemente sobre o deslocamento, para o pai da psicanálise, este mecanismo consiste no desvio do pensamento. Em suas palavras “deslocamento da ênfase psíquica para outro tópico que não o da abertura.” (Ibid., vol. 8, p. 55). Podendo ser comparável a uma espécie de ilusionismo linguístico, pelo qual o humorista ou o objeto de humor desvia a atenção do ouvinte para um dado foco, produzindo, então, uma *punchline* (espécie de piada), que o pega desprevenido. Este recurso pode ser visto, por exemplo, em memes que descrevem algo que, por si só, já obteriam a graça, mas que fazem ainda referência a outro elemento, daí a surpresa.

Já a condensação, consistiria na unificação de associações significativas em torno de uma dada palavra, podendo ser um resumo de ideias que possuam pontos em comum e uma semelhança entre si. Estabelecendo uma relação entre o conteúdo manifesto, onde seriam expostos o conteúdo midiático, e o latente, representando uma ideia. Freud descreve a condensação como uma força que comprime dois conceitos, e por resultado gera-se outro. Quando esses conceitos são comprimidos, algumas partes cedem e desaparecem, mas outras permanecem,

formando então um substituto, que integra-se simultaneamente aos dois. Na condensação, podemos notar que esse substituto pode, quando isolado, se mostrar incompreensível, sendo esse efeito que estabelece o chiste dentro desse mecanismo.

Retomando sobre os chistes tendenciosos, temos que seu prazer surgirá através do rompimento com uma forma de repressão. É comum que chistes tendenciosos sejam direcionados a uma figura de poder, à ideologias, autoridades, etc. Nos memes, eles podem se mostrar de maneira “politicamente correta” a fim de manifestar opiniões que de outra forma, talvez não fossem aceitas. Como descrito por Freud, em seu livro:

Representantes de instituições, dogmas morais ou religiosos, concepções de vida que desfrutam de tanto respeito que só sofrem objeções sob a máscara do chiste e, mesmo, de um chiste ocultado por sua fachada. (FREUD, 1905, p. 122).

Integrado aos chistes tendenciosos está contido as expressões, irônicas, sátiras, demonstrando um intuito de ridicularizar o outro ou algo. Não estando sempre submetido a grosseria, mas se mostrando evidente. Por função, desencadeiam o prazer a quem vivencia, pois considera que excedem a transgressão de uma norma, frente a determinados assuntos ou figuras, sendo muito bem observados em alguns conteúdos meméticos.

Desta forma, os tendenciosos dispõe de uma técnica de argumentação pela qual se obtém a concordância do receptor mediante questões que emergem, mas cuja resposta está contida na própria pergunta. Logo, o juízo crítico, manifestado pelo chiste tendencioso, altera-se pelo senso lúdico, e embora não haja concordância com o conteúdo expresso, o riso alcança amparo e fortalece sua posição de argumentação.

Diferindo-se dos chistes inocentes, onde sua temática decorre do próprio sentido da palavra. Freud (1905) aponta a esse mecanismo, como característica essencial, a função de proporcionar o prazer e o riso ao espectador, através de sua forma de expressão, visto que não apresenta objetivo fora de si mesmos. Também definido pelo *nonsense*, ao colocar-se às brincadeiras com a linguagem, não apresenta problema moral em sua constituição.

Freud (1905) salienta que “o *nonsense* em um chiste é um fim em si mesmo, já que a intenção de recobrar o antigo prazer no *nonsense* está entre os motivos da elaboração do chiste. Há outros modos de recobrar o nonsense e de derivar prazer dele: a caricatura, a exageração paródica utilizam-no e assim criam o ‘*nonsense*’ cômico” (FREUD, 1905, p. 197). Portanto, no chiste inocente, o prazer e o riso surgem puramente da sagacidade implícita neles, visando ao mero ludismo verbal. Os quais, nos memes, podem ser percebidos quando nos deparamos com o prazer diante de algo puro, como o vídeo de uma criança falando de uma forma repetida, causando a graça.

Pensemos então que, ao elucidar alguns mecanismos propostos por Freud, equiparando-os aos memes, obtém-se certos subsídios diante da reflexão e investigação para com os chistes manifestados e associados à época digital em questão. Ademais, para reforçar essa ideia, se faz pertinente relacionar a função principal do chiste - permitir que o sujeito obtenha prazer descartando uma inibição -, articulado através do meme, que diante das potentes redes digitais atuais, apresentam potencial em assumir algumas de suas configurações e sentidos.

6 SAÚDE MENTAL OU MEME? (PODE SE APRESENTAR COMO UM MEIO FACILITADOR?)

Em um artigo sobre o tema, o Círculo Brasileiro de Psicanálise (2007) aponta:

Enquanto homens, estamos ameaçados constantemente pelo sofrimento psíquico provocado pela nossa condição humana [...]. Em face dessas exigências, criamos defesas regressivas contra o sofrimento psíquico que não a neurose, o delírio, o auto abandono, as sublimações. O humor, assim como a arte, é um destes caminhos onde o princípio do prazer triunfa sobre o princípio da realidade, dentro do campo da saúde psíquica, onde o desejo se realiza e se contrapõe à pulsão de morte, onde, na situação-limite de encontro com o real, a pulsão se inscreve no campo das representações, produzindo um efeito simbólico. O humor é uma forma sublimada de lidar com as dores do existir, sem perder a graça. (MORAIS, M. B. L., 2007).

Analisemos então, que, perante ao sofrimento psíquico ante às diversas circunstâncias que nos encontramos submetidos e condicionados, acabamos por elaborar estratégias que as compensem. Assim o humor se apresenta, se

estabelecendo de diferentes maneiras, e oferecendo espaços para abranger diferentes grupos.

Soares (2014) afirma que os sujeitos, ao compartilharem o humor, criam vínculos e permitem que este fenômeno contribua para um relaxamento e diminuição das defesas corporais, levando as pessoas a considerar os seus próprios erros e os dos outros de uma forma mais construtiva. Logo, o humor é libertador. No momento em que é exposto, se apresenta sem aquela barreira de censura entre o inconsciente e o consciente.

Como já apontado por Freud, "O humor é a maior manifestação dos mecanismos de adaptação do indivíduo" (FREUD, 1981). Esses mecanismos de adaptação, se alteram conforme a época mantendo suas funções. Ao que corresponde a atualidade, Macêdo (2012), menciona que, na sociedade moderna, há um processo de fragmentação do tecido social, a qual pode ser percebida pelo abandono do Estado (referencial simbólico), acabando por intensificar a vivência de desamparo pelos sujeitos, buscando assim estratégias de persistência a fim de um preenchimento do vazio existencial, trazendo sentido a vida.

A autora ainda relaciona que o desamparo é a causa inicial aos sofrimentos, emergindo por ela as psicopatologias, como ansiedade, pânico, psicossomatizações, etc. Isso se daria justamente pela falta de um referencial simbólico. Pensando então nesse simbolismo, e nas estratégias de enfrentamento, sabe-se que um meio de lidar com condições estressoras, seria através das relações sociais, compreendendo os benefícios à saúde mental que essas estabelecem, bem como essas relações através de redes virtuais, que se mostram similarmente favoráveis.

A interação que as redes digitais proporcionam, segundo Macêdo, tornou-se um reflexo expansível, influenciado pelo contexto e pelas motivações dos sujeitos, como o suporte social, por exemplo. Relembro aqui a função do humor no chiste em converter o desprazer em prazer, onde pensamentos ou afetos penosos seriam substituídos. Mezan (2005) exemplifica, declarando que seria como se o ego enunciasse algo como: "sou bom demais, ou grande demais, para me sentir atingido pelo que está me acometendo" (MEZAN, 2005, p.171-2).

Desta forma, conceituado os memes manifestando-se como "uma válvula de escape moderna" (HORTA , 2015), carregados de humor, estima-se que estes

possam ser uma via disponível para superar certas angústias. Podendo ser a partir dos memes, onde haja reconhecimento e percepção do sentimento para além do sujeito solitário, fato que pode contribuir para a diminuição do desamparo, na tentativa de superar as adversidades do real, a partir do simbólico.

É através da normalização proveniente dos memes, favorecendo a exposição de algumas fragilidades, que obtém-se um alívio em meio ao “caos”. Portanto, ao estabelecer a relação humorística com os memes, fica claro a consistência dessa ferramenta contemporânea, para a construção de uma saúde psíquica, advinda do prazer que se é gerado através dela, reforçando a capacidade analgésica do humor.

6 METODOLOGIA

A produção do artigo se deu através de pesquisa de natureza exploratória, que segundo Gil (2008) tem como finalidade esclarecer e desenvolver conceitos, com o objetivo de prover uma visão geral, com riqueza de informações, acerca de um determinado fato. Discorreu-se, no corpo do trabalho, aspectos envolventes no humor, procedendo de uma reflexão sobre sua conceituação na psicanálise, bem como sua definição. A diante, explorou-se ainda os chistes, dentro dos estudos elaborados por Freud, em 1905. Para enfim investigar a relação desses fenômenos com fatores contemporâneos, este que também foi introduzido considerando seus fundamentos. Ademais, refletiu-se sobre a relação dos sujeitos com o humor, os chistes e os memes, investigando o modo como configuram-se no que tange a saúde psíquica. Utilizou-se do método bibliográfico, desenvolvido a partir do levantamento de dados a partir de artigos científicos. Para o levantamento de dados foram utilizados palavras-chaves e seus sinônimos, entre elas: “humor”, “psicanálise”, “chistes”, “internet”, “cultura digital”, “memes”, “saúde mental”, “contemporaneidade”, partindo de bancos de dados eletrônicos, como Google Acadêmico, SciELO, SciELO Psicologia, CBP, Biblioteca Virtual em Saúde PSI e Pepsic.

Foi também realizada a partir do método documental, que é o levantamento de materiais que ainda não foram analisados, como filmes, gravações, fotografias, entre outros. A seleção foi constituída por conveniência, que segundo Gil (2008) é a

seleção de materiais das quais se tem acesso, em que se admite que esses possam, de alguma forma, demonstrar ou representar a pesquisa. A busca de conteúdo e materiais relacionados ao tema se realizou durante todo o processo de elaboração do trabalho, utilizando de meios digitais como YouTube, PodCasts e também redes sociais virtuais como Instagram, Twitter, Facebook e Google Imagens.

CONCLUSÃO

O artigo se fez na busca por redimensionar as concepções do estudo de Freud (1905) acerca dos chistes, aproximando-o da época atual, na qual as tecnologias e redes digitais de conexão permeiam os sujeitos e alguns de seus processos psíquicos, evidenciando o papel da subjetividade desses sujeitos. A análise desenvolvida no artigo, teve como intuito relacionar o humor, à aspectos psíquicos, refletindo sobre os meios de manifestar-se que o fenômeno encontrou na contemporaneidade. Bem como investigar como uma das ferramentas mais acessadas da *internet*, os memes, podem se vincular e atuar como registro de um chiste.

Propõe-se então, que para transformar nossa miséria neurótica em sofrimento ordinário, carece da presença do humor. Estabelecendo como fundamental que os sujeitos possam, se utilizando dos memes, elucidar suas questões. Pois como vemos, a cultura digital dispõe, ao mesmo tempo que exige, estratégias de adaptação às condições em que o sujeito esteja submetido.

Estudos desenvolvidos por diferentes autores sobre o humor, e a significativa contribuição das análises de Freud sobre os temas abordados, proporcionaram que o desenvolvimento do presente artigo ocorresse de maneira satisfatória, ao ponto de despertar a curiosidade sobre aspectos nunca antes explorados em minha trajetória acadêmica. Entretanto, os temas selecionados para se investigar, se mostram longe de abranger todo o universo de reflexões sobre esses fenômenos.

Considera-se também o fator de que, trabalhar a partir de um conceito atual, o sujeita a uma busca limitada pelo mesmo. Logo, as reflexões e investigações não se esgotam, reforçando a importância em ampliar as pesquisas, sobretudo no âmbito psicanalítico, numa constante exploração dos aspectos psicológicos

envolvidos no humor, e em suas expressões através de conteúdos digitais contemporâneos.

Ao analisar o conteúdo, foi possível perceber que os mesmos, como um tema atual, se estendem para o cotidiano dos sujeitos, assim como notou-se que trabalham na expressão da realidade e de afetos, se apresentando para além de tão-somente o divertimento, evidenciando sua importância. Com relação específica aos memes, no que se refere ao laço social e, conseqüentemente, aos efeitos na saúde psíquica, conclui-se que estes não estabelecem fenômenos culturais “aleatórios”, mas sim, articulam-se coletivamente a diferentes esferas da vida social e cultural.

Trata-se de uma proposta investigativa que, conforme desenvolvia-se o estudo, maior se considerava essencial e pertinente a elaboração da compreensão das características e conceitos referente ao mesmo, colocando-se diante de um objeto que desperta novas problemáticas, ao contrário de análises fechadas. Via de regra, pertinente a concepções à psicologia, constitui correspondência da temática a aspectos intrínsecos à sociedade atual, como a fragmentação do ser, do saber, do simbolizar e do existir.

Por fim, coloco como ponto primordial, a indispensabilidade de pensar, refletir as demandas e se expressar prazerosamente. Sendo esse o ponto chave do humor, dos chistes, e dos memes. Uma vez que, representam um “respiro” necessário frente às imposições da vida, da sociedade, e da vida em sociedade. Se utilizando da perspicácia alcançada em superar o real instituído.

REFERÊNCIAS

Attardo, S. ***A primer for the linguistics of humor***. In V. Raskin (Ed.), *The primer of humor research* (101-155), 2008.

Bergson, H. ***Laughter. An Essay on the Meaning of The Comic***. Dover Publications. 1ª Ed. Dover, 2005.

Bergson, H. **O riso: ensaio sobre a significação da comicidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2001 (Publicado originalmente na *Révue de Paris*, 1989).

Berlyne, D. **Humor e seus parentes**. em JH Goldstein & PE McGhee (Eds.), *A Psicologia do Humor* (p. 43-60), 1972.

Brandão, M.. **Humor e Psicanálise**. Círculo Psicanalítico Brasileiro, 2007.

Buijzen, M., & Valkenburg, P. **Desenvolvendo uma tipologia de humor na mídia audiovisual**. *Psicologia da Mídia*, 2004.

Castaño, D.. ***Defining and characterizing the concept of Internet Meme***, 2013.

COMÉDIA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2021.

CONSUMOTECA. ***In meme we trust***. GENTE GLOBO, 29 mai. 2019. Disponível em: <https://gente.globo.com/meme-we-trust/>

Dawkins, R. **O gene egoísta**, trad. Juana Robles, 1985.

Figer, A. **Entre gozo, angústia e desejo: articulações e paradoxos** / Arthur Figer; orientadora: Ana Maria de Toledo Piza Rudge, 2013.

Freitas, L. Um belo dia resolvi pensar!. **Filosofia para Vida - O riso, Aristóteles, Freud, Bergson e Nietzsche**, 19 mar. 2021. Disponível em: https://youtu.be/T_EgaqSRrcw

Freud, S. (1900/1980). *A interpretação dos sonhos*. Obras completas, ESB, v. IV e V. Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. **O chiste e sua relação com o inconsciente** (1905) In: Sigmund Freud *Obras Completas Ordenamento, comentários e notas de James Strachey com a colaboração de Anna Freud*. 8ª ed. vol. VIII, 2001.

Freud, S. **O chiste e sua relação com o inconsciente**. Volume 3,. Notebooks Editorial, 1981.

Freud, S. **Os chistes e a sua relação com o inconsciente**. (v. VIII, 1905) Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Freud, S. **O humor** (v. XXI, 1927). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas., 1980.

Goldin, A. **De amores e humores**. *Cadernos de Psicanálise*, Sociedade de Psicologia Clínica do Rio de Janeiro, Instituto de Psicanálise, ano 3, n.5, p.36,1984.

Horta, N. **O meme como linguagem da internet: uma perspectiva semiótica**. Orientador: Dr. Sérgio de Sá. 2015. 191f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

Koller, D., & Gyski, C. ***The life threatened child and the life enhancing clown: Towards a model of therapeutic clowning***, *Ecam*, 5(1), 17-25, 2007.

Langer, S. ***Feeling and form***. New York: Charles Scribner's son, 1953.

Larkin-Galiñanes, C. Attardo, Salvatore, ed. ***An Overview of Humor Theory***. New York, NY: Routledge, 2017.

Meyer, JC. **Humor como uma espada de dois gumes: quatro funções do humor na comunicação**. Teoria da Comunicação, 2000.

Mezan, R. **Humor Judaico: sublimação ou defesa?**. In: Interfaces da Psicanálise. 1ª ed. p. 286-301, 2002.

Oring, E. ***Humor in anthropology and folklore***. In V. Raskin (Ed.), The primer of humor research (183-210), 2008.

Rezende, J. **Dos Quatro Humores às Quatro Bases**. In: À sombra do plátano: crônicas de história da medicina [online]. São Paulo: Editora Unifesp, pp. 49-53. História da Medicina series, vol. 2. ISBN 978-85-61673-63-5, 2009.

Ribeiro, M. **Do trágico ao drama, salve-se pelo humor!**. Estud. psicanal., Belo Horizonte , n. 31, p. 104-113, out. 2008 .

Rodrigues, C. **Humores e Temperamentos: considerações sobre a teoria hipocrática**. 2020.

Soares, A., Maia, F., Lima, C., Nogueira, C. & Lima, C. **Humor: Ingrediente indispensável nas relações sociais?** Psicologia: teoria e prática, 2014.

Souza, A.; & Oliveira, C. **Quando Nietzsche sorriu: O lugar do riso na filosofia nietzschiana (1984-3879)**, Saberes, Natal RN, v. 1, n. 17, 2017.

Shifman, L. **Humor in the age of digital reproduction: Continuity and change in internet based comic texts**. International Journal of Communication, v. 1, n. 1, p. 23, 2007.

Spencer, H. **On The Physiology Of Laughter**, 1860. Stifelman, J. Café Filosófico CPFL. **O Humor Como Saída | Jacques Stifelman**, 31 out. 2016. Disponível em: <https://youtu.be/NhN11sWBJFI>

Suassuna, A. Território Conhecimento. **Humor: expressão da inteligência • Ariano Suassuna**, 18 de fev. de 2018. Disponível em: https://youtu.be/AXqWyMK_vQE

Tas, M. Café Filosófico CPFL. **Pode rir? | Marcelo Tas**, 23 out. 2016. Disponível em: <https://youtu.be/GARuJJfpcQM>

Van Blerkom, L. **Clown doctors: Shaman healers of western medicine**. Medical Anthropology Quarterly, 9(4), 462-475, 1995.

VIBES EM ANÁLISE: **Memes em análise**. Entrevistados: Thayz Athayde; Davi Moraes; Chico Felitti. Entrevistadores: André Alves; Lucas Liedke. [S. l.]: Spotify, 23 mar. 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/48ofUIKyrW8iEiiGU0RLLp?si=f01cf5888b1443aa>